

FORMAÇÃO DOCENTE E MULTICULTURALISMO: UM ESTUDO COM ALUNOS DOS CURSOS DE MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO DA UFU

Alexandre Pereira

Doutorando em Educação UFU.
Professor da Universidade Federal do Amapá
E-mail: pereiraxnd@gmail.com

Gleisy Campos

Mestranda em Educação UFU
E-mail: gleisy_campos@hotmail.com

Lucas Garcia

Mestrando em Educação.
Professor da Rede Pública de Uberlândia/MG
E-mail: lg1916@hotmail.com

Oswaldo Mariotto Cerezer

Doutorando em Educação UFU.
Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso
E-mail: omcerezer@hotmail.com

RESUMO: A presente pesquisa centra-se na compreensão sobre o multiculturalismo e sua relação com a docência entre os alunos dos Cursos de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. O universo da pesquisa contou com a colaboração de quinze mestrandos e doutorandos, sendo 06 (seis) Pedagogos (as), 04 (quatro) Licenciados em Letras, 01 (um) Licenciado em Química, 01 (um) em Física, 01 (um) formado em Normal Superior, 01 (um) Médico e 01 (um) Jornalista. Os objetivos do estudo são investigar qual a compreensão dos sujeitos sobre multiculturalismo e as relações estabelecidas por eles no ambiente de trabalho com a temática multicultural; identificar as dificuldades e os desafios encontrados para lidarem com as diferenças culturais em suas práticas pedagógicas. Para coleta de dados foi utilizado um questionário estruturado com questões abertas e de múltipla escolha, abrangendo aspectos sobre formação acadêmica, tempo de formação e atuação profissional, nível de ensino em que atua e questões sobre multiculturalismo e docência.

Palavras-Chave: Formação de professores; multiculturalismo, ensino e aprendizagem

RESUMEN: Esta investigación se centra en la comprensión de la multiculturalidad y su relación con la enseñanza de los estudiantes de Maestría y Doctorado en Educación de la Universidad Federal de Uberlândia. La investigación contó con la colaboración de quince estudiantes de maestría y doctorado, y 06 (seis) educadores (as), 04 (cuatro) Licenciado en Letras, 01 (un) Licenciatura en Química, 01 (un) de Física, 01 (un) formada en Normal Superior 01, (a) Medical y 01 (un) periodista. Los objetivos del estudio son investigar ¿cuál es la comprensión de los sujetos de la multiculturalidad y las relaciones es-

tablecidas por ellos en el escritorio con el tema multicultural, identificar las dificultades y los problemas encontrados en el tratamiento de las diferencias culturales en las prácticas educativas. Para recogida de datos se utilizó un cuestionario estructurado con preguntas abiertas y preguntas de opción múltiple que cubren los aspectos de la formación académica, la duración de la formación y la experiencia profesional, el nivel de educación en el que opera y las preguntas sobre el multiculturalismo y la enseñanza.

Palabras-Clave: formación del profesorado, multiculturalidad, enseñanza y el aprendizaje

1. INTRODUÇÃO

As diferenças entre os diversos grupos que constituíram a sociedade brasileira ao invés de serem percebidas sob a ótica da riqueza cultural, acabaram por gerar uma hierarquia social e etnicorracial, a qual segregou e inferiorizou todos os que não pertenciam ao grupo do colonizador europeu (MENEZES, 2002). Assim, o processo de formação da sociedade brasileira, foi pautado pela negação dos sujeitos pertencentes aos diferentes grupos sociais historicamente marginalizados, deixando um legado de ideologias, concepções e mitos que persistem até os dias atuais.

As instituições de educação, inseridas neste contexto sócio-histórico-cultural, contribuem para legitimar as características da cultura dominante, conduzindo ao “monoculturalismo” e a um processo de silenciamento das culturas populares. O currículo prescrito e vivenciado no contexto escolar tende a privilegiar uma cultura branca, masculina e cristã, menosprezando as culturas que fogem ao padrão eurocêntrico estabelecido. Neste sentido, os saberes gerais e universais são supervalorizados, em contrapartida aos saberes particulares e locais que são inferiorizados e subjugados.

Nesse sentido, a formação docente é atualmente prioritária para a mudança deste cenário, pois como destaca Moreira (2001) é impossível pensar numa educação multicultural sem que nos questionemos sobre o professor e sobre sua formação.

Diante das distintas áreas de formação acadêmica e atuação profissional dos alunos do Mestrado e Doutorado em Educação da UFU, a pesquisa tem como sujeitos 06 (seis) Pedagogos (as), 04 (quatro) Licenciados em Letras, 01 (um) Licenciado em Química, 01 (um) em Física, 01 (um) formado em Normal Superior, 01(um) Médico e 01(um) Jornalista. Desse modo, objetiva-se investigar qual a compreensão dos sujeitos sobre multiculturalismo e as relações estabelecidas por eles no ambiente de trabalho com a temática multicultural; identificar as dificuldades e os desafios encontrados para lidarem com as diferenças culturais em suas práticas pedagógicas.

Cientes de que um dos grandes desafios ao se realizar uma pesquisa consiste em interrogar a realidade e definir recursos metodológicos, adotamos como método de pesquisa o estudo de caso que, conforme afirma Gil (2008), tem como propósito a

descrição da situação do contexto onde está sendo realizada a investigação, bem como, “explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos” (p. 58).

A metodologia para coleta dos dados priorizou a utilização de questionário estruturado com questões abertas e de múltipla escolha, destacando sobre formação acadêmica, tempo de formação na graduação e de atuação profissional, nível de ensino em que atua e tempo de atuação na docência para que os pesquisados pudessem expor a sua compreensão a respeito do multiculturalismo e sua relação com a prática pedagógica.

O questionário foi entregue para um universo de 26 alunos, totalizando 100% dos alunos matriculados na disciplina Formação Docente e Práticas Pedagógicas, ministrada no primeiro semestre de 2011 no programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Uberlândia. Deste universo, obtivemos o retorno de 15 questionários preenchidos, este *corpus* da análise está apresentado neste texto.

Os dados coletados foram interpretados por meio de análise qualitativa, por compreendermos que esta metodologia proporciona um campo extremamente rico de leituras e interpretações dos dados, impedindo análises superficiais, pois segundo André (2007), os estudos qualitativos permitem a construção de uma relação entre os dados coletados e o pesquisador que busca estabelecer uma feição dialógica no processo de interpretação, tendo como foco o fenômeno a ser investigado, neste caso – a compreensão docente sobre multiculturalismo.

O perfil dos participantes da pesquisa demonstra um quadro bastante heterogêneo, principalmente em relação à formação acadêmica e à atuação profissional. Em sua maioria, são alunos do curso de doutorado (09/60%) e (6/40%) alunos do mestrado, deste total (13/95%) são professores da educação básica e do ensino superior, e (2/5%) não atuam como docentes.

Em relação à faixa etária dos entrevistados, podemos destacar que 33% (cinco pessoas) possuem idade entre vinte e trinta anos. Já 13,3% dos entrevistados (duas pessoas) apresentam idade entre trinta e quarenta anos. Seis pessoas, ou 40%, apresentam idade entre quarenta e cinquenta anos e, por fim, duas pessoas, 13,3% têm idade entre cinquenta e sessenta anos. Em se tratando de gênero, 20% (três pessoas) se enquadram no gênero masculino e (doze pessoas) 80% dos entrevistados pertencem ao sexo feminino.

O presente estudo está fundamentado em autores (as) como: Candau (2008), McLaren (2000), Moreira (2001 e 2003) por destacarem reflexões acerca do multiculturalismo, da educação e da formação de professores numa perspectiva multicultural.

A primeira parte do texto traz uma breve descrição do que estamos entendendo por multiculturalismo, as diferentes visões admitidas para explicá-lo e como essas visões se materializam em nossa sociedade. Na segunda parte, examinamos a relação da educação multicultural com a formação de professores, apresentando argumentos que evidenciam a formação de professores como fator crucial para a aplicação de uma educação que possibilite valorizar as diferentes vozes presentes no espaço escolar. No terceiro momento, passamos à uma discussão mais específica sobre a compreensão dos estudantes de Mestrado e Doutorado em Educação sobre multiculturalismo. Por fim reforçamos, em nossas considerações finais, o compromisso que as universidades públicas devem ter em criar uma proposta de formação multiculturalmente orientada, favorecendo a formação crítica e reflexiva dos professores.

2. Multiculturalismo: uma discussão teórica, social e política

O multiculturalismo enquanto fenômeno social começou a ser abordado em países que adotam políticas multiculturais como Estados Unidos, Canadá, Portugal entre outros, mas vem ganhando uma configuração própria em diversos países da América Latina e, no Brasil, apresenta uma forma própria, marcada por uma formação histórica de exclusão e negação do outro, no plano físico e simbólico.

Neste sentido, é importante entendermos que não existe uma única definição para o termo multiculturalismo, pois este abarca diferentes definições e perspectivas que se contradizem e englobam, desde visões liberais ou folclóricas, até visões mais críticas.

Assim, é importante compreendemos como essas visões se materializam na nossa sociedade. Uma sociedade caracterizada pelo avanço do capitalismo e da globalização e pelos meios de comunicação e de informação que transformam substancialmente os sujeitos e a sociedade na medida em que aproxima povos e culturas até então distantes. Porém, convém questionarmos até que ponto existe uma repercussão direta nos modos de vida particular e social dos sujeitos? Pois, tal aproximação trouxe inúmeros benefícios em relação à questão econômica, política e cultural, por outro lado, trouxe inúmeros problemas, principalmente em relação à submissão de povos e culturas distintas sob a égide de culturas dominantes, além da dominação política e econômica e cultural, marcando, como nunca, o desenvolvimento da reestruturação do processo produtivo do capitalismo.

Nesse processo, há a emergência cada vez mais forte do intercâmbio cultural, trazendo o fortalecimento das sociedades e das diferenças culturais e, ao mesmo tempo, a dominação e a exclusão de outras, fortalecendo os conflitos étnicos e culturais. A globalização aproximou as diferentes sociedades e suas culturas e, ao mesmo tempo,

acirrou os conflitos, criando verdadeiros abismos entre as diferenças culturais. Por sua vez, essa realidade trouxe também o crescimento de movimentos sociais organizados, ONGs e outras instituições, sujeitos e grupos historicamente discriminados que lutam contra o processo de discriminação e consequente contra a exclusão social, em defesa da pluralidade de formas de existência de sujeitos, sociedades e culturas. Assim, no contexto da democracia

novos movimentos sociais, tais como os trabalhadores do campo, as mulheres, os/as LGBTs (Sigla para definir o Movimento Social composto por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Simpatizantes) e os negros, dentre outros, passam a fazer parte do cenário sociocultural e político nacional, reivindicando novos papéis de protagonistas (PEREIRA, 2011, p, 8).

Visando trazer à tona os problemas relacionados à convivência com uma sociedade multicultural e os problemas dele decorrentes, a partir da década de 1980, alguns países e instituições promoveram fóruns e conferências para debater a questão da diversidade cultural, tentando estabelecer um conjunto de normas e leis destinadas à defesa dos povos, dos sujeitos e de suas culturas.

Nesse contexto, em 1982, é realizado no México a Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais, evento que simbolizou o início de uma mudança na atuação política internacional voltada ao estudo, à discussão e à busca de transformações destinadas ao enfrentamento dos problemas relacionados à diversidade cultural e às distintas identidades. As discussões realizadas durante a conferência e o documento dela originado, possuem como foco principal a aproximação entre os diferentes povos e culturas, objetivando uma transformação sociocultural à compreensão e à convivência entre os sujeitos diversos.

A Declaração do México afirma que, a diversidade cultural representa um conjunto único e insubstituível e que as diferentes manifestações representam uma forma de ser e de estar no mundo. Ao se referir à identidade cultural, o texto da declaração assevera que, “a afirmação da identidade cultural contribui, portanto, para a libertação dos povos; ao contrário, qualquer forma de dominação nega ou deteriora essa identidade” (DECLARAÇÃO DO MÉXICO, 1982, p. 08).

No Brasil, discussões e estudos em torno da questão do multiculturalismo vem crescendo de modo significativo nos últimos anos, principalmente após a Constituição de 1988, quando reconheceu a especificidade cultural de populações indígenas e quilombolas existentes no país.

No âmbito internacional, no ano de 2002, é realizada a Conferência Geral da UNESCO, que deu origem ao importante documento da “Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural”. O documento em seu Artigo 1º afirma:

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras (DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL, 2002, p.03).

O documento da UNESCO serviu como balizador para que o tema da diversidade cultural sofresse significativas transformações em nossa sociedade, com efeitos significativos no âmbito educacional. Suas afirmações passaram também a figurar com força maior como instrumento político no interior dos grupos e associações que há anos reivindicavam maior reconhecimento e inclusão social.

A sociedade brasileira, construída sobre bases excludentes, possui dificuldade em lidar com a sua diversidade. Apesar dos recentes avanços em termos de políticas públicas e educacionais voltadas ao reconhecimento, valorização, respeito e inclusão das chamadas “minorias” étnicas, culturais, sexuais, dentre outras diferenças, a convivência com a alteridade representada pela diversidade cultural da sociedade brasileira, ainda representa um grande desafio. Nesse contexto,

[...] não raro, a diferença é associada à inferioridade e desigualdade, e o “outro” – que é diferente porque diverso e plural – torna-se inferior e passa a representar uma ameaça aos padrões euroamericanos de ser e de viver. Tais padrões, assentados nas culturas ocidentais brancas, letradas, masculinas, heterossexuais e cristãs, estão arraigados no imaginário social e naturalizados cotidianamente nos diversos espaços de convivência humana, afetando tanto os chamados grupos minoritários quanto os pertencentes às esferas hegemônicas (SILVA e BARNDIN, 2008, p. 53).

Esse cenário de lutas e de contradições sociais marca o caráter polissêmico do

termo multiculturalismo e nos direciona para questões como: o que a temática do multiculturalismo tem a nos dizer com relação à educação brasileira? Como vivenciar uma educação multicultural?

Assim, antes de iniciarmos nossa próxima discussão gostaríamos de evidenciar nosso posicionamento, pois diante a polissemia do termo multiculturalismo, iremos destacar as tendências apresentadas por Peter McLaren com ênfase ao multiculturalismo crítico/revolucionário.

3. Educação, Formação Docente e Multiculturalismo

Para buscarmos respostas para as questões apresentadas, acreditamos que, é necessário lembrar que “não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa. Existe uma relação intrínseca entre educação e cultura(s) [...] não podem ser analisados a não ser a partir de uma íntima articulação” (CANDAUI, 2008, p.13).

Portanto, o que podemos constatar é que, historicamente o silenciamento e a anulação das diferentes vozes e culturas que compõem o complexo mosaico da sociedade brasileira resultaram na exclusão e conseqüente marginalização de parte significativa dos sujeitos e grupos. Nesse processo, a educação baseada num currículo monocultural, que sustentou o sistema educacional brasileiro durante décadas, contribuiu para a segregação e ausência de qualquer tipo de estudos e/ou debates sobre a diversidade cultural. Segundo Moreira (2003, p. 162), “reconhecer a diferença cultural na sociedade e na escola traz como primeira implicação, para a prática pedagógica, o *abandono de uma perspectiva monocultural* [...]” (grifos do autor).

Moreira (2001), ao refletir sobre o currículo e sobre sua importância na formação de valores e de ideologias, propõe um “processo de desconstrução, crítica, reformulação e hibridização dos conteúdos tradicionais, desestabilizados em vigoroso confronto com outros olhares, outras lógicas e outros pontos de vista” (p. 77-78).

Nessa direção, a formação para a docência em todos os níveis, da educação básica ao superior, requer mudanças capazes de questionar os conhecimentos e práticas legitimadas, provendo-as, no dizer de McLaren e Giroux (2000), de “contradisursos”, capazes de entender e combater as práticas dominantes, incluindo nos estudos e currículos escolares, os saberes e conhecimentos que contemplem a diversidade cultural. A perspectiva do multiculturalismo crítico e revolucionário de McLaren (2000) necessita ser compreendida a partir de uma agenda política destinada à transformação da sociedade por meio do reconhecimento das diferenças que a compõe e da luta contra a ordem social dominante.

Assim como campo teórico aplicado à educação, o multiculturalismo toma como ponto de partida a análise dos conhecimentos que são produzidos no interior das instituições escolares por meio da prática docente baseada em currículos monoculturais, apontando a existência da exclusão, do silenciamento e de estereótipos sobre os sujeitos e grupos sociais considerados subalternos. Dessa forma, sinalizando como alternativa a construção de espaços, de currículos e de ações voltadas à inclusão dos grupos, dos sujeitos e das culturas marginalizadas.

Portanto, no âmbito das políticas educacionais no Brasil, a efetiva possibilidade de debates sobre a questão multicultural surge inicialmente com a incorporação do tema “pluralidade cultural” no interior dos chamados temas transversais, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados em 1997. A presença de tal temática nos PCNs foi fruto de intensa pressão e negociação e concessões de diferentes grupos e movimentos sociais que reivindicavam um lugar ao sol dentro das políticas nacionais voltadas à educação.

Nesse cenário de lutas e de contradições, a escola e demais instituições de ensino possuem papel fundamental na implementação de ações voltadas ao reconhecimento da alteridade e sua importância, ao mesmo tempo em que possui a oportunidade de desenvolver uma educação que não só reconheça o outro e sua cultura, mas que faça deste reconhecimento uma forma de luta contra toda e qualquer forma de discriminação e exclusão social.

Na maioria das instituições de ensino, principalmente nas universidades, os estudos e as discussões sobre o multiculturalismo não são realizadas ou estão restritas a cursos específicos, como alguns cursos de formação de professores da área das ciências humanas, deixando os demais cursos à margem de qualquer estudo ou menção ao caráter multicultural da sociedade brasileira. Essa questão problemática não apenas desconhece a necessidade de discutir os problemas relacionados ao multiculturalismo como joga toda a responsabilidade pela discussão e pretensa solução dos problemas para algumas áreas específicas, particularmente aos professores de ciências humanas.

Nesse sentido questionamos: os demais profissionais, tais como advogados, médicos, dentistas, enfermeiros, engenheiros, dentre outras profissões, não possuem papel relevante no combate à discriminação e ao reconhecimento e respeito à diversidade? Será este papel somente da educação e de seus profissionais? Não é tarefa que contemple toda a sociedade e sujeitos, independentemente da profissão e/ou cargo que ocupa? Será a escola e seus professores a panacéia para todos os males relacionados à sociedade multicultural? Levar em consideração a existência concreta de uma sociedade multicultural como a brasileira e dos problemas dela decorrentes é responsabilidade somente da educação?

Diante desta realidade e da necessidade de uma educação multicultural, Gonçalves e Silva (2000, p. 62) apresentam algumas questões desafiadoras: como lidar com a diversidade cultural em sala de aula? É possível fugir do modelo monocultural de ensino? Poderão professores incluir a equidade de oportunidades educacionais entre seus objetivos?

Assim, é com o intuito de problematizar, mais que trazer respostas, que apresentamos a compreensão dos estudantes do mestrado e doutorado sobre a temática multiculturalismo.

4. Formação de professores e educação multicultural: compreensão de mestrandos e doutorandos em Educação da UFU

Após este importante debate em torno do multiculturalismo e da importância de uma formação multicultural, passamos a abordar especificamente os tópicos da nossa pesquisa. Ao analisarmos os dados coletados, percebemos que todas as pessoas que responderam ao questionário consideram que a temática multicultural tem fundamental importância no processo de formação do professor. Contudo, ao investigarmos as respostas obtidas na primeira questão sobre a formação em nível de graduação e a frequência com que as questões multiculturais foram abordadas, constatamos o quanto as discussões vinculadas à diversidade cultural são menosprezadas no processo de formação vivenciado por nossos colaboradores. O descaso com tal tipo de abordagem fica evidente ao constatarmos que alguns colegas nunca (4 pessoas - 26,6%) ou raramente (9 pessoas - 60%) tiveram discussões sobre multiculturalismo durante seu processo de formação.

Neste contexto, cerca de (90%) das respostas apresentadas ratificavam que a temática multicultural só era tratada em uma disciplina isolada durante os cursos de formação e, mesmo assim, de maneira superficial. Conseqüentemente, estes mesmos colegas justificaram que o motivo principal por trabalharem raramente com esta temática era justamente este déficit na matriz curricular do curso no qual eles se graduaram.

Assim, fica evidente que o principal motivo, do pouco ou até mesmo do não contato com as questões multiculturais durante os cursos de graduação dos entrevistados, ocorre pela má estruturação da matriz curricular dos programas de graduação, uma vez que, até pouco tempo atrás, não se tinha a devida preocupação com as questões atreladas à diversidade de raça e de gênero, diferenças sociais, culturais, religiosas, sexuais, dentre outras que são presentes na atualidade. Notamos que, principalmente os entrevistados da área das ciências exatas, nas disciplinas de química e de física, manifestaram dificuldades ao participarem de uma discussão vinculada às questões multiculturais, uma vez que, a matriz curricular destes cursos preza, basicamente, pelos conteúdos teóricos pertinentes a estas disciplinas.

Detectamos que somente duas pessoas (13,3 %), em um universo amostral de quinze, afirmam que durante a sua formação refletiram e discutiram a temática desta pesquisa, pois durante este período de formação trabalhavam paralelamente em projetos de pesquisa em que a temática multicultural se fazia presente.

Dessa forma, apesar de a temática do multiculturalismo ser pouco abordada na formação dos estudantes de mestrado e doutorado, foi evidenciado por 100% destes que é muito relevante o estudo da temática nos cursos de formação de professores, pois como afirmam Pansini e Nenevé (2008):

Embora a formação de professores não seja o único caminho para uma mudança nas práticas educativas, essa é uma possibilidade com a qual os currículos dos cursos de formação, principalmente dos cursos de graduação oferecidos pelas universidades devem se comprometer, a fim de instigar a formação de profissionais críticos e descolonizadores (p.09).

Neste sentido, foi pensando na formação de professores críticos, que nos apropriamos dos conceitos apresentados por McLaren (2000), *multiculturalismo conservador; multiculturalismo humanista liberal; multiculturalismo liberal de esquerda e multiculturalismo crítico ou de resistência*. Solicitamos aos participantes que identificassem aquele que mais se aproximava da sua compreensão de multiculturalismo. Identificamos assim que, 100% dos participantes optaram pelo conceito de multiculturalismo crítico definido como:

[...] aquele que adota e afirma o compromisso político de transformação das relações sociais, culturais e institucionais nas quais os significados são gerados; opõe-se à ideia que vê a cultura como não-conflitiva; sustenta que a diversidade deve ser assegurada dentro de uma política crítica e de um compromisso com a justiça social (MACLAREN, 2000, p. 23).

Nessa perspectiva, nenhum dos participantes optou pela definição de *multiculturalismo conservador* que defende a construção de uma cultura comum, unitária e nacional, entendendo a diversidade cultural, racial ou sexual como devendo ser assimilada à cultura tradicional; nem tão pouco *multiculturalismo humanista liberal* que acredita que existe uma igualdade intelectual entre os diferentes grupos, etnias e povos e visa políticas de assimilação. Afirma que, todos podem ter as mesmas possibilidades e oportunidades de competir no mundo regido pelo sistema capitalista; ou *multicultu-*

ralismo liberal de esquerda que se encontra mais atento aos modos de operar do poder e do privilégio e sublinham as diferenças culturais ditadas por classe, raça, gênero e sexualidade.

Dando sequência às questões elaboradas, foi solicitado aos participantes que avaliassem seu conhecimento sobre multiculturalismo a partir dos conceitos estabelecidos. Evidenciamos assim que, 60% (9 pessoas) dos participantes definem seu conhecimento como bom; 40% (6 pessoas) como regular e nenhum deles definiu seus conhecimentos como excelente.

Diante das respostas apresentadas, os participantes afirmam conhecer a temática do multiculturalismo e ter clareza quanto às escolhas realizadas, pois 100% (15 pessoas) optaram pela concepção de multiculturalismo crítico/revolucionário.

No entanto, apesar das escolhas feitas, percebemos que há um discurso fortalecido por um ideal de multiculturalismo que entra em conflito ao relacionarmos o mesmo com a prática pedagógica numa perspectiva multicultural, pois ao associarmos a definição de MacLaren (2008) de multiculturalismo *conservador, humanista liberal e crítico revolucionário* ao contexto da prática pedagógica, percebemos uma discrepância nas alternativas escolhidas, pois escolheram mais de um dos objetivos propostos, o que demonstra claramente um conflito diante do campo do multiculturalismo, suas múltiplas formas de expressão e polissemia do termo que abarca diferentes definições e perspectivas que se contradizem no contexto das sociedades multiculturais.

Neste sentido, ao solicitar que escolhessem, dentre os objetivos elencados, qual/quais correspondia/m à prática pedagógica, numa perspectiva multicultural, constatamos que, cerca de 33,3% (5 pessoas) dos participantes, optaram pelo *multiculturalismo conservador* definido como aquele que tem por objetivo reconhecer as diferenças dos educandos e garantir a expressão das diferentes identidades culturais, em espaços próprios e específicos para que possam se expressar com liberdade coletiva. Como uma só pessoa escolheu mais de um objetivo, cerca de 30% (4 pessoas) dos participantes optaram também pelo *multiculturalismo humanista liberal* que tem como um dos seus objetivos integrar todos os educandos marginalizados e discriminados aos valores, mentalidades e conhecimentos socialmente valorizados pela cultura social. E 70% (12 pessoas) dos pesquisados também fizeram a opção pelo multiculturalismo *crítico revolucionário* que objetiva articular políticas de igualdade com políticas de identidade, buscando garantir o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais, presentes na escola. As respostas apresentadas pelos participantes nos direcionam para a necessidade de

[...] compreender o multiculturalismo não simplesmente como um dado da realidade, mas como uma maneira de atuar de intervir, de transformar

mar a dinâmica social. Trata-se de um projeto político-cultural, de um modo de se trabalhar as relações culturais numa determinada sociedade, de conceber políticas públicas na perspectiva da radicalização da democracia, assim como de construir estratégias pedagógicas nesta perspectiva (CANDAU, 2008, p. 20).

Sendo assim, as palavras de Candau (2008) corroboram e evidenciam a necessidade de fortalecer as discussões, estudos e investigações junto aos professores, mestrandos e doutorandos sobre as questões relacionadas à educação multicultural, pois a visão de sujeito, sociedade e educação implícita em cada concepção de multiculturalismo traz consequências que serão evidenciadas no cotidiano da prática pedagógica e das relações estabelecidas no contexto escolar e social.

No âmbito da educação, percebemos que o multiculturalismo crítico pode favorecer mudanças nas relações vividas pelos próprios estudantes ao inserir no currículo questões como identidade e diferenças de classe, gênero, sexualidade, cultura, etnia, entre outras. Para isso, é necessário incluir de forma sistemática nos cursos de formação docente, estudos, pesquisas e intervenções sobre educação multicultural, buscando adotar a possibilidade de vivenciar uma formação com uma orientação multicultural, vinculada à perspectiva crítica.

Portanto, cremos ser necessário o reconhecimento da importância de um debate multiculturalista como um esforço de luta contra a homogeneização das consciências pela eliminação das diferenças (PELLANDA, 2001, p. 19), uma vez que, em um universo onde prolifera a multiplicidade, há uma constante estratificação das identidades, de maneira que, nem todas possuem o mesmo sentido de legitimação. Assim, algumas identidades são sublimadas, outras esquecidas, algumas ressaltadas/louçadas e outras eliminadas e oprimidas. Nesse contexto, nossa maior dificuldade está em propor ações nas quais o “outro é respeitado”. Isso insere um grau de complexidade no debate que parece ser percebido por parte dos nossos colaboradores, uma vez que,

[...] a maior dificuldade é levantar a problemática das diferenças e das diversas culturas de modo a conscientizar os alunos quanto ao respeito e a valorização, sem expor e constranger estes alunos marginalizados e segregados. Isso porque, depende da maneira como o tema é tratado, as diferenças são exaltadas de forma negativa (depoimento do colaborador 4).

Uma perspectiva multicultural deve estar permanentemente vigilante frente

aos interesses conservadores que minam a educação e pelo qual a pedagogia tradicional é servidora. A educação multicultural deve estar à frente no reconhecimento das diferenças das várias identidades, tais como as diferenças de classe, gênero, orientação sexual, raça, pessoas com alguma deficiência ou superdotação, estimulando mudanças de paradigmas culturais baseados em sistemas de opressão e desigualdade, pois as dificuldades de lidar com as diferenças culturais pode estar na

[...] habilidade de desconstruir as concepções, muitas vezes implícitas, que temos sobre o “outro” impedindo-nos de uma aproximação, auto-abertura à realidade dos “outros” e o diálogo cultural, isto é das diversas identidades. Escrevo na 1ª pessoa do plural, porque também faço parte dessa diversidade, incluída nesse contexto conflituoso e com formas de violência “veladas” (depoimento do colaborador 5 - grifos no original).

O que podemos perceber, a partir dos depoimentos dos colaboradores deste estudo, é que a importância do debate em torno do multiculturalismo, sob uma ótica crítica, independe da frequência com a qual a maioria dos participantes da pesquisa se relacionará com a temática na sua formação inicial, pois tanto aqueles que disseram que sempre trataram dessa questão na graduação (2 pessoas – 13,3%), assim como aqueles que afirmaram que raramente trataram da questão (9 pessoas – 60%) e aqueles que declararam nunca terem tido a oportunidade de realizar esta discussão em nível inicial de formação (4 pessoas – 26,6%) deixam transparecer, nas suas afirmações a complexidade que tal tema desencadeia e as dificuldades que esses docentes enfrentam ao lidar com as diferenças culturais nas salas de aula, tanto no que se refere à conscientização sobre a diversidade (colaborador 1); administração de formas de preconceito (colaborador 10); “respeito com o ‘outro’ entre alunos”, conforme o colaborador 12. Assim como, a admissão das diferenças, somada a uma reflexão da dimensão pedagógica articulada com os aspectos cognitivos, procedimental e atitudinal colaborando no “entendimento sobre as implicações pedagógicas da interculturalidade” (colaborador 6); bem como, a discrepância entre as diferentes visões de multiculturalismo entre professores e corpo técnico pedagógico (colaboradores 6 e 7).

A pedagogia multicultural tem como propósito posicionar os estudantes dentro de uma prática socialmente alinhada com a justiça social e aborda, conforme McLaren (2000), consistentemente os temas relacionados à raça, classe, gênero e sexualidade. Talvez seja por esse motivo que os respondentes 2, 3 e 13 afirmam sua fragilidade no enfrentamento às diferenças culturais em sala de aula. Parece tornar evidente que, neste caso, não se trata de uma postura reacionária advinda de um pretenso pânico moral frente a uma educação que promove um enfrentamento das opressões racistas, clas-

sistas, machistas e homofóbicas, mas pela precariedade de uma formação inicial que negligencia as experiências e os saberes multiculturais a um número considerável de docentes.

Percebemos também que nossos respondentes possuem uma disposição para participar de cursos de formação continuada ou eventos. Do universo de sujeitos arguidos no questionário apenas 13,3% (duas pessoas) afirmaram nunca terem tido a oportunidade de participar de formação continuada onde as discussões sobre multiculturalismo entram na pauta buscando a aquisição de saberes multiculturais que sejam favoráveis à desconstrução dos sentidos conservadores da educação e na luta por ideais de justiça social, liberdade e reconhecimento integral à diferença. Neste caso, ocorre um lapso que omite as discussões advindas da disciplina Formação docente e Prática Pedagógica, onde temas e textos com esse enfoque foram constantemente abordados.

5. Considerações Finais

A temática do multiculturalismo vem ganhando espaço nas pesquisas acadêmicas, publicações, debates e ações políticas de diferentes segmentos dos movimentos sociais (negro, feminista, homossexuais), políticas educacionais e ações governamentais em diferentes países, especialmente na América Latina. No Brasil, país construído sobre fortes alicerces excludentes, a questão multicultural vem ganhando grande visibilidade nas discussões e ações que envolvem o campo social, a política e a educação.

No campo da educação, é evidente a necessidade de fortalecer as discussões, estudos e investigações junto aos profissionais da educação, pois a visão de homem, sociedade e educação implícita em cada concepção de multiculturalismo (conservador, humanista liberal, liberal de esquerda, crítico/revolucionário) traz consequências que serão evidenciadas no cotidiano da prática pedagógica e das relações estabelecidas no contexto escolar e social.

Portanto, tais consequências são evidenciadas no contexto escolar, na vivência de um currículo monocultural e homogeneizador, falseado pela ideia de que todos podem ter as mesmas possibilidades e oportunidades de competir no mundo regido pelo sistema capitalista, fundamentado no discurso de que todos são iguais. Outra consequência no âmbito da educação é comprovada pela formação no contexto escolar de comunidades culturais hegemônicas com suas próprias organizações, favorecendo a criação de verdadeiros *apartheid* sociocultural, no contexto das unidades escolares. Tais consequências fundamentam-se no discurso e na ênfase às diferenças encaradas como essências que existem “independentemente de história, cultura e poder” (MA-CLAREN, 2000, p. 120).

Neste sentido, é importante pensar o multiculturalismo para além de um discurso da homogeneidade, da igualdade e da diferença. Assim, é necessário pensarmos o multiculturalismo a partir de uma perspectiva crítica, que adota e afirma o compromisso político de transformação, emancipação social e cultural dos sujeitos. Segundo MacLaren (2000), multiculturalismo crítico: a) privilegia a transformação das relações sociais, culturais e institucionais nas quais os significados são gerados; b) opõe-se a ideia que vê a cultura como não-conflitiva e; c) sustenta que a diversidade deve ser assegurada “dentro de uma política crítica e compromisso com a justiça social” (p. 123).

Há, portanto, nessa concepção, uma superação das dificuldades e dos reducionismos que recaem sobre as visões conservadoras, humanista liberal e liberal de esquerda que MacLaren (2000) enquadra num rol de tendências liberais.

Assim, no âmbito da educação percebemos que a vivência do multiculturalismo crítico pode favorecer a mudança nas relações vividas pelos próprios estudantes ao inserir nos currículos questões como identidade, diferenças de classe, gênero, etnia, sexo, entre outras. Para isso, é necessário incluir de forma sistemática nos cursos de formação docente, estudos, pesquisas e intervenções sobre educação multicultural, numa perspectiva crítica/ revolucionária.

Portanto, embora a formação de professores não seja o único caminho para uma mudança nas práticas educativas, essa é uma possibilidade na qual precisamos nos comprometer, pois, como foi evidenciado na pesquisa realizada, as questões que envolvem o multiculturalismo e a educação multicultural são pouco estudadas e discutidas nos cursos de formação oferecidos pelas universidades, o que gera dificuldades e consequências para educadores e educandos que atuam na educação básica e superior, pois, muitas vezes, adotam concepções que mantêm e legitimam o *status quo*.

Enfim, pensar numa formação multicultural exige uma revisão dos próprios projetos pedagógicos das universidades, pois a ausência dos estudos sobre multiculturalismo nas universidades, já é uma demonstração da necessidade que se tem hoje de repensar questões em torno da formação docente para redefinir uma proposta de educação alicerçada no multiculturalismo crítico, que assume o compromisso de uma educação a favor da justiça social.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vacchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Ed., 2005.

BRASIL. **PCNs**: apresentação dos Temas Transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1997.

DECLARAÇÃO DO MÉXICO SOBRE AS POLÍTICAS CULTURAIS [México, 1982]. Disponível em: <<http://formacaompr.files.wordpress.com/2010/03/1982-declaracao-de-mexico.pdf>> Acesso em: 20 de jun de 2011.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL, Unesco, 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>> Acesso em: 20 de jun de 2011.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo Crítico**. São Paulo: Cortez, 2000.

GONÇALVES, L. A. O e Silva, P. B. G. **O jogo das diferenças**: o multiculturalismo e seus contextos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MENEZES, Waléria. **O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola**. 2002. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/licitacao/preconceito_racial.pdf>. Acesso em: 02 Jul. 2009.

MOREIRA, A. F. B. Currículo, cultura e formação de professores. **Revista Educar**, Curitiba, Editora da UFPR, n. 17, 2001, p. 39-52.

MOREIRA, A. F. B. e Candau, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**. n. 23. Rio de Janeiro, Mar/Ago, 2003, p. 156-168.

PANSINI, Flávia; NENEVÉ Miguel. **Educação Multicultural e Formação Docente**. Currículo sem Fronteiras, v.8, n.1, pp.31-48, Jan/Jun 2008

PELLANDA, Nize Campos. À guisa de introdução: reflexões sobre neoliberalismo e subjetividade. In: MCLAREN, Petter. **A pedagogia da utopia**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

PEREIRA, Alexandre. Educação para a diversidade sexual: cidadania e mudanças de paradigmas culturais. In: XI Seminário Nacional “O uno e o diverso na educação escolar”, 11., 2011, Uberlândia, MG. **Anais**. Uberlândia: FAGED/UFU, 2011. p. 1-13.